
ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA E A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO AUTÊNTICO: AULAS GUIADAS

Aparecida Regina Borges SELLAN¹

Doutora em Língua Portuguesa – PUC-SP
Professora do Departamento de Português da PUC-SP
Coordenadora do Curso Português Brasileiro: Língua e Cultura
Vice-líder de Pesquisa do NUPPLE-IP-PUC-SP

RESUMO

O atual contexto de ensino de português língua estrangeira (PLE), no Brasil, tem suscitado discussões que abarcam desde perspectivas de quem ensina, considerando formação e especificidade do professor, até perspectivas de quem aprende, considerando necessidades, objetivos, interesses, grau de conhecimentos sobre/da língua preendida pelo aprendente, bem como perspectivas referentes aos materiais e recursos didáticos utilizados. Este artigo trata da produção de materiais didáticos, autênticos, destinados ao ensino de português brasileiro a estrangeiros. Essa discussão tem origem na dificuldade para identificar, selecionar e produzir materiais adequados ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos, focalizando as abordagens comunicativa e Intercultural. Por essa perspectiva, este estudo vincula-se à práticas em que os alunos estrangeiros se inserem dentro e fora da sala de aula. A experiência apresentada é resultado de aulas guiadas desenvolvidas no curso Português Brasileiro: Língua e Cultura, ministrado na PUC-SP, segundo orientações do Núcleo de Pesquisa Português Língua Estrangeira (NUPPLE-IP-PUCSP).

Palavras-chave: Ensino de PLE. Interculturalidade. Material Autêntico.

Pontos de Partida

De acordo com LEFFA (2016, p. 105), a produção de materiais de ensino (didáticos) é uma sequência de atividades que tem por objetivo criar instrumentos de aprendizagem, a qual envolve, pelo menos, quatro momentos: análise, desenvolvimento, implementação e avaliação. Essa criação é uma entre as tantas tarefas atribuídas ao professor que, além de ter já bem fundamentados os conhecimentos sobre a língua que ensina, também precisa ter domínio de práticas pedagógicas propriamente ditas. A análise permite identificar as necessidades do aluno, seu conhecimento e o que precisa aprender. O desenvolvimento considera os objetivos definidos pela análise de necessidades os quais devem orientar os materiais a serem produzidos. A fase de implementação pode se dar por diferentes estratégias a depender se será desenvolvida pelo próprio professor, ou por outros, ou mesmo pelo próprio aluno em separado do professor. Consideremos a preparação e aplicação realizadas pelo próprio professor que poderá usar sua intuição sobre possíveis desvios ou adequações necessárias à tarefa. Poderá, ainda, por sua

¹ Endereço Eletrônico: borges@uol.com.br

condução, dirimir possíveis conflitos, estimular interesses, focalizar o propósito da atividade. Esse cuidado pode não ser possível quando a atividade é aplicada por outros ou ser realizada isoladamente pelo aluno. Nesse sentido, o objetivo da proposta pode se perder. A etapa avaliação pode ser realizada de maneiras diversas, pela observação do professor, por relatos orais ou escritos dos alunos, por atividades ilustrativas ou complementares, como resposta avaliativa do material.

Ainda segundo as considerações de LEFFA,

o ensino da língua estrangeira é mais uma arte do que uma ciência e o professor cria a partir daquilo de que dispõe na sala de aula. Um artista não precisa de muita coisa para criar uma obra-prima – às vezes nada mais que um cinzel, um martelo e um bloco de pedra. Às vezes quanto menos se tem, melhor é a obra (LEFFA, 2016, p. 74)

Almeida Filho (1993) propõe o Modelo de Operação Global de Ensino de Línguas e explica que a escolha da abordagem tem forte influência na perspectiva do planejamento do curso e, conseqüentemente, na construção do material. Nesse raciocínio, a produção do material didático parte do planejamento e pressupõe tomadas de decisões que norteiam as etapas para se atingir determinado objetivo, fundamentadas em um conceito de abordagem, materializam-se no produto construído (Sternfeld, 1997). Deve-se entender o conceito plural de material didático, pois nele incluem-se o Livro didático, os recursos de diferentes mídias, atividades orientadas fora do espaço da sala de aula, entre outros. Têm-se identificado livros didáticos acompanhados por diferentes recursos, por exemplo, CDs, DVDs. Nesse sentido, pode-se sintetizar que material didático é tudo aquilo que for utilizado pelo professor ou pelo aluno com o propósito de promover o aprendizado de uma língua: livros, cartazes, panfletos, exercícios digitalizados e impressos, folhetos, palestras, jornais, revistas vídeos, organização de aulas externas, entre outros, didatizados para fins pedagógicos.

Conforme já dito por Almeida Filho (1993), a produção do material didático deve seguir a orientação da abordagem. Por essa razão, para situar a questão discutida neste artigo, faz-se necessário tratar da abordagem comunicativa com enfoque interculturalista, uma vez que, em se tratando do ensino de português para estrangeiros, tal enfoque está diretamente ligado à abordagem comunicativa. Por essa concepção, língua e cultura apresentam-se como indissociáveis, ou seja: ao se ensinar a língua, ensina-se a cultura. Do mesmo modo, deve-se entender a língua de um determinado grupo social como sendo o reflexo daqueles que compoem esse grupo, pelo espelhamento identitário. Nesse sentido, ao se “ensinar” a língua, ensina-se cultura, identificam-se os modos ser, de fazer, de dizer das pessoas desse grupo, pela língua. A

língua não apenas expressa a cultura como também é a expressão dessa cultura. Em outros termos, a língua ensinada/aprendida em contextos sociais reais de uso, de modo mais próximo e relacionado, de forma que a manifestação e o conteúdo cultural sejam percebidos como inerente ao conteúdo linguístico ensinado. Não se trata de ensinar elementos compreendidos como informações sobre produtos culturais, mas de possibilitar vivências, criar estratégias para que o aluno aprenda a observar, perceber, analisar, associar, interpretar e compreender fatos e situações que lhes chamem a atenção, que lhes causem estranhamentos, de modo a que passem a distinguir variáveis culturais, responsáveis pelo estabelecimento de identidades, inclusive, as próprias, por uma espécie de espelhamento, decorrentes do uso que fazem da língua materna e do modo como se representam por meio dela.

Por essa concepção, justificamos a afirmativa de Silveira (2014) ao propor que o enfoque intercultural não objetiva aculturar o aluno estrangeiro, mas, pelo contrário, dar a ele a oportunidade olhar para sua própria cultura e, de certo modo, dela tomar consciência, pelo reconhecimento da cultura do outro, cuja língua busca aprender.

Em se tratando do método comunicativo, ainda pela perspectiva interculturalista, devemos entender que questões culturais incidem diretamente sobre o estilo de vida das pessoas, no modo como encontram soluções para seus problemas, como resolvem os impasses, como negociam, como justificam, como disfarçam, como explicitam ou negam polidez, para, enfim, compreender que uma comunicação eficiente depende do modo como as pessoas pensam e agem e como a língua expressa esses pensamentos e essas ações. Nessesentido, de acordo com Almeida Filho, 1993, o ensino com foco comunicativo deve propiciar ao aprendiz meios de organizar as experiências de aprender em termos de atividades de real interesse ou necessidade do aluno de modo a capacitá-lo para o uso da nova língua, em ações interativas com outros falantes dessa língua.

Ortiz Alvarez e Santos (2010), ao relacionarem língua e cultura, remetem-se a Ullmann (1980) por afirmar que a linguagem é reflexo das experiências e da cosmovisão de um povo, a qual deve ser inserida no contexto cultural global e não pinçada como algo estranho e a parte. Ela constitui o espelho de uma mentalidade. As autoras citam, ainda, Dalpian (1996, p.51), cujos argumentos transcrevemos por expressarem uma quase síntese dessa relação entre o ensino de língua e cultura:

A língua dá acesso à cultura e, por outro lado, para aprender uma língua é preciso um mergulho cultural, a aquisição das habilidades orais e escritas, isto é, a competência comunicativa não fica assegurada apenas com o conhecimento das estruturas linguísticas (...) saldar uma pessoa, fazer um

convite, pedir um favor, servir um cafezinho, pedir desculpas (...) são todas situações que se inserem profundamente num contexto cultural. (ALVAREZ e SANTOS, p.200).

Por essas considerações, do ponto de vista de quem ensina, ao se ensinar uma língua, deve-se, naturalmente, deixar fluir a cultura impressa nessa língua, sem imposição, sem restrição. Do ponto de vista de quem aprende, deve-se estar receptivo ao todo amalgamado no composto língua-cultura. Àquele que ensina cabe o papel de promover processos de interação atraente e sadia de modo que o que aprende seja levado a compreender que aprender de uma nova língua é uma oportunidade de interagir-se em outro universo capaz de fazê-lo enriquecer-se, modificar-se, transformar-se pelo (re)conhecimento de sua própria cultura.

O princípio fundamental que orienta essas considerações tem por pressuposto a língua como código social de uma comunidade que, como tal, implica visões políticas, ideológicas e culturais; e o discurso como prática social interacional que traz representada a identidade cultural dos diferentes grupos que, interdiscursivamente, constroem marcos das cognições sociais. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido nesta modalidade de ensino de língua portuguesa para estrangeiros deve se ocupar da promoção de atividades plurais para o tratamento dessa língua. Atividades que se estendam para além das questões puramente estruturais e normativas, com vivências que permitam a prática de situações interativas, comunicativas e culturais, as quais colaboram com a resolução de problemas e o reestabelecimento de confortos necessários para se “estar bem” em novos contextos.

Assim, será exposto a seguir, a título de exemplificação, a produção e aplicação de atividades consideradas como constructos de materiais didáticos autênticos para o ensino de português língua estrangeira.

Aulas externas e material autêntico

O curso Português Brasileiro: Língua e Cultura, no qual a atividade é desenvolvida, faz parte do núcleo extensionista da PUC-SP, ministrado, desde 2010, a alunos estrangeiros das mais variadas procedências e com interesses muito diversificados. Foi gestado no Núcleo de Pesquisa Português Língua Estrangeira – NUPPLE – e está alocado no Instituto de Pesquisa Sedes sapientiae – IP-PUC/SP. As aulas são ministradas por professores-pesquisadores, membros do núcleo de pesquisa, as quais são prearadas, discutidas, orientadas durante as reuniões semanais do grupo, de forma a atender às necessidades dos alunos e dar suporte aos

professores. Além das práticas de língua oral e escrita, de forma a desenvolver nesses alunos as quatro habilidades – ler-escreve-falar-ouvir, aspectos culturais manifestos nos monumentos imateriais são tratados na explicitação da língua em uso, nas manifestações populares e intelectuais representadas pela música, pelo cinema, pela literatura e pela produção das diferentes mídias. Já os monumentos materiais, esses são apresentados aos alunos também com suporte no diagnóstico prévio resultado da “análise de necessidades” aplicada no momento de ingresso desses alunos.

Com base nas discussões teóricas e metodológicas ocorrentes no grupo de pesquisa NUPPLE e nas orientações ali surgidas, foram identificadas expectativas – desejos de conhecer/experienciar – relativas a locais e situações representativos da história, da cultura, dos valores, dos hábitos e da ideologia do brasileiro (do paulistano, de modo mais específico, porque é o contexto local em que esses alunos estão inseridos). Naturalmente, em razão de o curso ser ministrado na cidade de São Paulo, este se torna o espaço geográfico delimitado.

Para a realização da atividade, em um primeiro momento, os alunos dos níveis básico, intermediário e avançado são preparados pela apresentação de textos, imagens, músicas, relatos sobre o local a ser visitado, a fim de construir para o aluno não só um conhecimento prévio sobre o local, mas também estimular o seu desejo de participar, de conhecer e de interagir. Este primeiro passo possibilita que ele crie uma expectativa sobre a experiência, antecipe curiosidades, formule hipóteses, e até pesquise com o objetivo de adquirir condições de mais bem explorar e interagir na atividade. Para completar este primeiro momento, cabe ao professor preparar-se, planejar o quê e como explorar a atividade. Assim, é extremamente importante que ele conheça o espaço, o monumento, de modo a dominar saberes referentes a sua história, ao papel representativo do valor que lhe é atribuído no contexto brasileiro, suas características, seu estilo, em síntese, tudo que for relevante sobre o ambiente visitado para “fazer o outro saber” a fim de torná-lo – o aluno - capaz de interagir e integrar-se plenamente na atividade.

Para este trabalho, selecionamos, a título de exemplificação, a seguinte situação: aulas externas guiadas no espaço do Museu do Futebol. Para a realização da atividade, faz-se necessário recuperar e apresentar informações sobre o espaço a ser visitado, a fim de que professor e alunos estejam preparados para interagirem na construção positiva de conhecimento pela experiência.

Material autêntico: visita ao Museu do Futebol

Conforme já dissemos acima, de acordo com Leffa (2016), o planejamento do material didático tem início no momento da análise de necessidades, quando é possível verificar o nível de conhecimento dos alunos, os objetivos pelos quais estão aprendendo o Português e para que finalidades. Assim, são planejados conteúdos a serem apresentados de acordo com os níveis, com o suporte ou não do livro didático, os assuntos que deverão fomentar discussões em geral a respeito da vida cotidiana ou do mundo do trabalho – dos alunos, dos paulistanos, dos brasileiros –, o funcionamento das aulas externas guiadas, sempre tendo em vista o desenvolvimento de competências comunicativas e acionais desses alunos.

A experiência aqui relatada remete-se ao desenvolvimento e à implementação de atividade inserida no conjunto de aulas ministradas durante o mês de julho de 2018, exatamente no período em que estava ocorrendo a Copa do Mundo da Rússia e o assunto futebol era recorrente nos noticiários de televisão, nos jornais, nas conversas nos transportes públicos, nas ruas, entre outros, e mesmo entre alguns dos alunos do curso, especialmente os latinos hispânicos. Esses, a princípio, já demonstravam interesse pelo tema e expressavam simpatia por este ou aquele time ou jogador brasileiro ou estrangeiro. No entanto, outros foram firmes ao dizer que não gostavam de futebol e pouco sabiam a respeito, ainda que tivessem interesse por futebol americano e outros esportes.

Mas, como se sabe, o futebol brasileiro enquadra-se no que podemos chamar de monumento imaterial que representa o Brasil e os brasileiros na sua essência. Ademais, somos o único país a ter um museu destinado a um esporte em especial, o futebol.

A atividade proposta foi planejada de modo a orientar os alunos a acompanhar a visita buscando perceber e se situar nos contextos interativos e culturais no interior do museu. Trata-se de uma proposta muito dinâmica, uma vez que os alunos seguem, caminhando, desde a sala de aula na PUC-SP, juntos com o professor e o monitor, até a praça Charles Miller, onde se localiza o Estádio Municipal do Pacaembu. Nesse percurso, os alunos são estimulados a observar o caminho, as ruas, os pontos de referência, o movimento de automóveis ou transeuntes, a arquitetura das residências que dão certa identidade ao bairro. Do mesmo modo, eles vão sendo questionados sobre seus hábitos de locomoção em seus países, para deslocamentos de lazer ou trabalho, sobre o transporte público, sobre a arquitetura ou disposição das casas nos bairros, ou a relação entre a vizinhança, entre outras questões. Esse é um momento bastante rico, pois, fora da formalidade da sala de aula, os alunos tendem a se sentir muito a vontade para expressarem suas observações, suas ideias e suas dúvidas. Essa caminhada, muitas

vezes, torna-se tão produtiva quanto o trabalho com conteúdo formal em sala de aula. Torna-se, nesse sentido, um aprendizado na prática comunicativa.

Conforme já foi dito, trata-se de atividade que coloca a visita ao Museu do Futebol na categoria de material autêntico uma vez que transforma a “visita ao museu” em atividade didática com fins pedagógicos, de acordo com os procedimentos que desenvolve. Isto é, além do professor e do monitor que acompanham o grupo, há, ainda, o Educador do museu que colabora na inserção dos alunos no contexto, na história, nos espaços a serem visitados. Dessa atividade, decorrem algumas questões apontadas pelos alunos, a saber:

- 1- A concepção do Museu do Futebol como patrimônio e um espaço que promove a acessibilidade, a sustentabilidade e o respeito à diversidade em sentido amplo.

De acordo com observações dos alunos, o espaço visitado no museu reflete tal visão, uma vez que lhes chamou a atenção sua estrutura arquitetônica, com aproveitamento de um cavidade que, em outras circunstâncias, serviria para depósito. Também lhes chamou atenção a composição miscigenada dos times que ilustram os diversos espaços do museu, principalmente quando ouviram sobre problemas enfrentados pelos primeiros grandes jogadores negros que iniciaram a história do futebol brasileiro, num momento em que o acesso ao futebol era dado apenas à elite branca, descendente de europeus. Quanto ao citado respeito à diversidade, ao transitarem pela sala “Anjos Barrocos”, de acordo com comentários de um dos alunos, pelo fato de haver uma jogadora brasileira – Marta – premiada inúmeras vezes como a melhor do mundo, sem que ela figure entre os mais representativos, seria necessário rever tal afirmação.

- 2- O fato de o Museu estar instalado nos vãos internos das arquibancadas.

De modo geral, circular pelos espaços internos das estruturas das arquibancadas causou muito estranhamento, tanto positivo quanto negativo. Negativo pela atmosfera escurecida e um pouco umida; positiva pela criatividade e aproveitamento do espaço e pela tecnologia interativa aplicada. Um dos alunos expressou, comparativamente falando, sentir-se caminhando pelo anfiteatro romano, na Arena de Verona, exetando apenas pelo distanciamento temporal histórico. Mas o ponto culminante foi exatamente ao adentrarem a Sala da Exaltação, quando puderam experienciar as emoções vividas pelo torcedor que assiste, pela arquibancada, seu time em dia de clássico. De acordo com seus relatos, eles conseguiram “imaginar” como os torcedores se sentem ao torcer por seus times. Duas alunas chegaram mesmo a dizer que tinham

a impressão de “sentir o calor da transpiração da torcida”. Interessante observar que, entre esses alunos, havia um bastante contrariado, demonstrando não estar aproveitando a atividade. No entanto, neste local, ele ficou muito envolvido, precisando mesmo ser chamada para continuar o caminho. A partir desse momento, percebe-se que seu interesse e comportamento se transformaram. E o mais surpreendente, adiantando um pouco do resultado final, na aula de encerramento, esse mesmo aluno exibiu o contrato de sócio que acabara de assinar com um dos clubes situados no bairro de Perdizes, declarando, ainda, ter simpatizado com o “time dono da casa”.

3- A representação contextual e a relação histórica com a vida do brasileiro.

A Sala das Origens foi o espaço mais explorado pelos alunos. Observaram detalhadamente as fotos e, nesse momento, puderam fazer perguntas à Educadora que acompanhava o grupo. As questões por eles apresentadas versavam sobre por que um museu, cujo assunto é futebol, apresentar fotografias de festas populares? O que significavam as fantasias usadas pelos homens durante aquelas festas? Por que fotos de políticos da época, cantores e atores?

Esses questionamentos foram todos respondidos e importantes para validar a função da atividade. Percebemos que nessa atividade eles estavam tendo oportunidade de visualizar nas ilustrações, nas fotografias, um percurso histórico não apenas do futebol no Brasil, mas a configuração de uma possível construção social dos brasileiros. De acordo com informações recebidas da Educadora, na Sala das Origens, as fotografias remetem-se a um Brasil desde o final do século XIX até meados dos anos de 1930. Um cenário que mostra a transformação do Brasil, antes mais rural, agora mais urbano, em que o futebol, praticado nos clubes e pela elite branca, marca um importante momento de transição com a instalação das indústrias e o surgimento dos bairros industriais, em que o trabalhador, pobre e mestiço, aspirou ao direito de também jogar futebol. Assim, a miscigenação, tão marcante na constituição do povo brasileiro, foi também a base da profissionalização do futebol brasileiro.

Para a viabilização dessa aula externa, os alunos foram acompanhados o tempo todo pelo professor e pelo monitor a fim de ajudá-los com as dúvidas e as curiosidades. Eles foram orientados a fazer anotações sobre aquilo que lhes chamasse mais atenção, registrar informações sobre o que lhes fosse explicado, fotografar algo de seus interesses nos espaços permitidos para, posteriormente, levarem para sala de aula e discutirem sobre suas impressões. Nesse sentido, a avaliação da atividade (LEFFA, 2016) seria realizada.

Considerando que a discussão indicada para este artigo está circunscrita à produção de material didático autêntico no ensino de PLE, a proposta acima referida exemplifica com clareza que material autêntico não é somente aquele que tradicionalmente é tirado de seu *locus* de origem e é adaptado para uma situação pedagógica: um texto jornalístico ou publicitário, uma música, uma obra de arte, uma receita culinária, entre outros, utilizados como base para fomentar discussões históricas e culturais, para verificar a estruturação de gêneros diversos, ou para estudar elementos da língua. Uma proposta de aula externa guiada compõe uma série de estratégias para desenvolver a competência comunicativa dos alunos e fazê-los perceber como se manifestam valores, ideologias, conhecimentos, cultura pela representação projetada, por exemplo, em seus monumentos.

Após a visita ao museu, os alunos foram estimulados a falar sobre a experiência, sobre o que viram e ouviram, sobre as sensações experimentadas. Naturalmente, ao se manifestarem sobre isso, eles matêm suas visões de mundo sobre suas considerações a respeito desse “novo” elemento que lhes é apresentado, mas percebe-se já uma sensibilidade para compreender, por exemplo, o amor do brasileiro pelo futebol. Compreender que, em dia de jogo do Brasil pela Copa do Mundo, ocorra paralisação no trabalho, um rearranjo no transporte público, suspensão de aulas; que os bares e restaurante se programem com decoração especial e cardápio atraente para que as pessoas assistam ao jogo com os amigos, os amigos dos amigos, e até com quem se fica amigo porque escolheram o mesmo espaço e local para torcerem, na mesma sintonia, pelo time do coração.

Esse comportamento do brasileiro tornou-se tema de discussão entre os alunos, pois, para suas experiências, em suas origens, jamais tinham presenciado tal comportamento praticamente institucionalizado e não havia expectativa de que ocorresse, ainda que seus países estivessem participando da Copa do Mundo.

Considerações finais

Em síntese, a proposta apresentada comprova que os procedimentos adotados para as aulas externas guiadas, organizadas como material autêntico, viabilizam não apenas o desenvolvimento comunicativo dos alunos como também promove um olhar inter e multicultural.

As aulas externas guiadas possibilitam apresentar ao aprendiz estrangeiro espaços representativos da história, da ideologia e da cultura dos falantes cuja língua busca aprender.

O material didático autêntico deve ser concebido e apreendido, tendo em vista objetivos claros e deve ser reconhecido no desempenho do professor que o planejou e implementou e em seus alunos que, pela avaliação que pode ocorrer de diversas formas, demonstram o bom aproveitamento da atividade.

Considera-se, desse modo, que a realização das aulas guiadas leva o aluno a conhecer/reconhecer monumentos materiais históricos e/ou culturais brasileiros como forma de aprender e assimilar a história, os valores, a cultura e a ideologia dos falantes nativos brasileiros.

Referências

- LEFFA, W. J. *Lingua Estrangeira. Ensino e Aprendizagem*. Pelotas: EDUCAT, 2016.
- ALMEIDA FILHO, J. C.P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, Pontes, 1993.
- SILVEIRA, R. C. P. Língua e Cultura: implícitos culturais e o ensino de português para estrangeiros. In: BASTOS, N. B. (Org.) *Língua Portuguesa e Lusofonia*. São Paulo: EDUC, 2014.
- STERNFELD, L. Materiais didáticos para o ensino de português língua estrangeira. In: ALMEIDA FILHO, J.C.P. (Org.). *Parâmetros atuais no ensino de português língua estrangeira*. Campinas: Pontes, 1997.
- ORTIZ ALVAREZ, M. L.; SANTOS, P. (Orgs.) *Lingua e Cultura no Contexto de Português Lingua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, 2010.

TEACHING OF PORTUGUESE FOREIGN LANGUAGE AND THE PRODUCTION OF AUTHENTIC DIDACTIC MATERIAL: GUIDED LESSONS

ABSTRACT

The actual teaching context of Portuguese foreign language, in Brazil, have aroused discussions that from teacher perspectives, considering education formation and specificity of the professor, to learner perspectives, considering necessities, goals, interest, degree of knowledge about/the language of selection by the learner, as well as referent perspectives of materials and educational resources utilized. This article apply to the production of educational materials, authentic, destined to teaching Brazilian Portuguese to foreigners. This discussion has origin in the difficulty in identify, select and produce adequate material to the teaching learning process of students, focusing on communication approach and intercultural. Throughout this perspective this study bond to practices that the foreign students are inserted inside and outside the classroom. The experience showed is a result of guided classes developed in the subject Brazilian Portuguese: Language and Culture, taught according to the Nucleus of Research in Portuguese Foreign Language.

Key words: Teaching of PLE. Intercultural. Authentic material.

Envio: outubro/2018
Aceito para publicação: novembro/2018